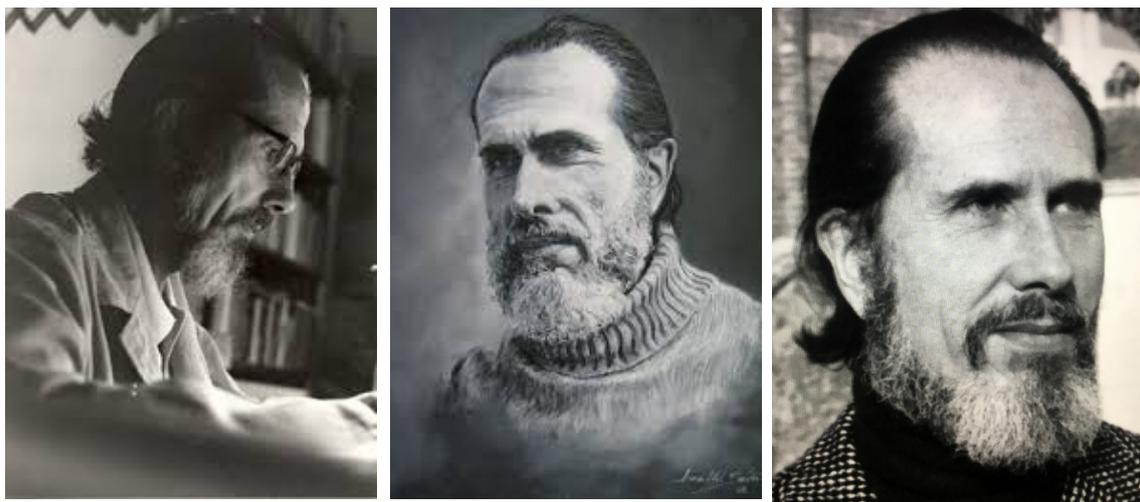


O tempo que nos escapa

Fèlix Cucurull

Tradução de Elisa Bicca¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Fèlix Cucurull, poeta catalão

O autor

Fèlix Cucurull (1919-1996) foi um poeta e político espanhol, nascido na cidade litorânea de Arenys de Mar, na região da Catalunha. Lutou a favor da República e, após o final da Guerra Civil Espanhola, foi um militante antifranquista. Fez parte do Front Nacional da Catalunha (FNC), partido político criado em 1940 como resistência armada antifranquista, de viés progressista e independentista, e dedicou sua vida ao estudo histórico do catalanismo político de esquerda, na figura histórica de Narcís Roca i Farreras, considerado o primeiro político independentista catalão (Albó, 2009).

Como escritor, publicou poemas e narrativas. O seu livro de poemas mais conhecido se chama *El temps que se 'ns escapa* [O tempo que nos escapa], aqui traduzido, cuja primeira edição foi publicada em 1959, além de outros três livros de poesia: *A mig camí del seny* (1946), *Vida terrena* (1948) e *Els altres mons* (1952). Também publicou obras narrativas,

¹ Bacharelado em Letras: Tradução Espanhol-Português, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: elisapbicca@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9327-3109>

como *L'últim combat* (1954), *Només el miratge* (1956), *A les 21,13* (1956), *La pregunta i l'atzar* (1959) e *El silenci i la por* (1962). Em 1985 o governo da Catalunha lhe atribuiu o prêmio *Creu de Sant Jordi* [Cruz de São Jorge], outorgado àquelas pessoas ou entidades sociais que prestaram serviços destacados à Catalunha no plano cívico e cultural, sendo uma das condecorações mais prestigiadas da região (Albó, 2009).

A obra

A coletânea de poemas *El temps que se'ns escapa* foi publicada pela primeira vez em 1959, como parte de uma coleção de contos mallorquinos, pela editora La Font de les Tortugues, vinculada à Revista Ponent, de Mallorca (Cucurull, 1959). Os poemas tratam de temas existenciais, como o amor, o silêncio, o medo, e sobre a pátria, trazendo reflexões sobre o período da 2ª Guerra Mundial e do pós-guerra, durante o franquismo, que perdurou até 1975.

Toda a obra do escritor Fèlix Cucurull é de domínio público, visto que toda sua biblioteca e seu arquivo documental foram doados pelos seus familiares à Biblioteca P. Fidel Fita localizada em sua cidade natal, Arenys de Mar (Ajuntament d'Arenys de Mar, 2006).

REFERÊNCIAS

AJUNTAMENT d'Arenys de Mar. *En record de Fèlix Cucurull*. Arenys de Mar: Ajuntament d'Arenys de Mar, 2006. Disponível em: <https://arenysdemar.cat/document.php?id=15608>. Acesso: 11 abr. 2024.

CUCURULL, Fèlix. *El temps que se'ns escapa*. Palma de Mallorca: La Font de les Tortugues, 1959. Disponível em: http://aladi.diba.cat/record=b1270781~S171*cat. Acesso: 11 abr. 2024.

ALBÓ, Imma. *Fèlix Cucurull 1919-1996*. Barcelona: Centre d'Història Contemporània de Catalunya, 2009. Disponível em: <https://irla.cat/wp-content/uploads/2015/10/BEN-cucurull.pdf>. Acesso: 11 abr. 2024.

EL TEMPS QUE SE'NS ESCAPA

*Envoltat de muralles
- inútil crit - la gorja
cerca en l'alè que s'alça
d'ones de sang antiga
un mot que es faci entendre
dels vents, de tots els vents.*

*Envoltat de silenci
- inútil sang- el somni,
més enllà de les hores,
es fon mentre jo resto
captiu dintre la nit.*

Gener del 1953

O TEMPO QUE NOS ESCAPA

*Cercado por muralhas
- inútil grito - a garganta
descobre no hálito que se alça
de ondas de sangue antigo
uma palavra que se faça entender
dos ventos, de todos os ventos.*

*Cercado por silêncio
- inútil sangue - o sonho,
além das horas,
derrete enquanto descanso
cativo noite adentro.*

Janeiro de 1953

*Digues quines arrels...
Ara tot calla.
Només un somni de mons pressentits.
No-res, com sempre.
Som, en l'oblit de tot,
com una boia
abandonada
per antics navegants.
Potser, allà al lluny,
una fumera
de cadàvers incinerats
ens durà la mesura
del temps que se'ns escapa.
Digues quines arrels encara et lliguen
a la pàtria dels naufragos.*

*Digas quais raízes...
Agora tudo se silencia.
Apenas um sonho de mundos pressentidos.
Nada, como sempre.
Somos, no esquecimento,
como uma boia
abandonada
por antigos navegantes.
Talvez, bem ao longe,
uma chaminé
de cadáveres incinerados
nos dará a medida
do tempo que nos escapa.
Digas quais raízes ainda te prendem
à pátria dos naufragos.*

*Un laberint s'obria als nostres passos.
El retorn és inútil.
Cap Ariadna, cap... Davant les urpes
restàvem indefensos.
Hi penetràrem tots, talment uns nuvis,
amb un somris de joia.
Erem molts. Onejavem a les pupil·les
una bandera.
Ara, només es dreça davant nostre
una gorja que ens xucla.*

*Um labirinto se abria aos nossos passos.
O retorno é inútil.
Nada, Ariadna, nada... Em frente às garras
nos tornávamos indefesos.
Adentraremos todos, tal como noivos,
com um sorriso de alegria.
Éramos muitos. Ondejávamos às pupilas
uma bandeira.
Agora, apenas se dirige a nossa frente
uma garganta que nos suga*

<p><i>Persegueixo respostas sobre la pedra antiga. Els meus ulls, en afany de preguntes, destil•len unes gotes de somni que ha perdut la volada. Interrogo debades el missatge dels segles passats. Als murs no alena cap llavi de sibil•la.</i></p>	<p>Persigo respostas sobre a pedra antiga. Os meus olhos, em um afã de perguntas, destilam umas gotas de sonho que perdeu o voo. Interrogo em vão a mensagem dos séculos passados. Aos muros não alenta nenhum lábio de profetiza.</p>
<p><i>I llavors... només era una cançó. Potser també hi hagué un dring de campanes. ... Qui sap si un angel apropà al meu cor les seves ales?</i></p>	<p>E então... era apenas uma canção. Talvez também houvesse um toque de sinos. ... Quem sabe se um anjo aproximará ao meu coração as suas asas?</p>
<p><i>Ara porto al palmell un adéu vestit d'ombra. Una estella va apagar-se, caiguda al meu solc, ... i cap àngel no em vetlla.</i></p>	<p>Agora carrego na palma da mão um adeus vestido de sombras. Uma farpa vai desaparecer, caída em meu leito, ... e nenhum anjo me velará.</p>
<p>10-IX-49</p>	<p>10-IX-49</p>
<p><i>Trèmol de melangia he emprès el meu viatge. Tot al llarg del meu solc jeu el ròssec dels somnis. Cap oreig mou les veles... La meva nau vacil•la voltada de silenci.</i></p>	<p>Álamo de melancolia empreendi minha viagem. Ao longo de meu leito jaz o rastejo dos sonhos. Nenhuma brisa move as velas... Minha nau vacila rodeada de silêncio.</p>
<p><i>He dit adéu sense paraules, Faig el camí del meu silenci a las palpentes, solitari. Aquelles veus que il•luminaven la meva carn, ara agonizem incinerades en un marge. No tinc oasi, ni miratge.</i></p>	<p>Disse adeus sem palavras. Faço o caminho do meu silêncio tateando, solitário. Aquelas vozes que iluminavam a minha carne, agora agonizam incineradas em uma margem. Não tenho consolo, nem ilusões.</p>
<p>COMBAT</p>	<p>COMBATE</p>
<p><i>Una esperança... Un solc Entre esbarzers, avança. No te'n vagis, amic. AMIC... (una paraula) La nit, algun indret, i mots, mots que cavalquen. No res més.</i></p>	<p>Uma esperança... um leito Entre amoreiras, avança. Não vá, amigo... AMIGO... (uma palavra) A noite, algum lugar, e palavras, palavras que cavalgam. Nada mais.</p>
<p><i>Potser ahir, talment una rondalla... Espera, vinc amb tu... un clot, la creu, la plana.</i></p>	<p>Talvez ontem, tal como um boato... Espera, vou contigo... uma cova, uma cruz, a planície.</p>

LA NOSTRA VITORIA

*El teu silenci pugna
per obrir-se camí...*

*Em quedo amb la pureza
d'aquesta esgarripança
que ara et fa els ulls lluent
i pàl·lides les galtes.
Guarda't els mots i mira'm.
Deixarem les paraules
per a quan, mort el somni,
tu i jo haurem d'enganyar-no.*

*Has sentit dintre teu
un calfred de misteri...
I l'oracle ha callat
i ha callat la campana.*

*Som tu i jo... Allà a fora
la llum és diferent
i ningú no sabia
endevinar les veus
que ara poblen l'estança.*

*Som tu i jo... Ells dirien
coses sense sentit
i usarien les frases
de l'últim film de moda.*

*Ara sé que hi ha coses
que mai no tindren nom,
que només tenen vida
quan el silenci parla.*

*Quan hauré de marxar
pels carrers plens de pols
duré en mi l'enyorança
de la teva mirada.*

*Talment un rodamón,
em perderei entre els crits
del vianants que fugen
del misteri que els crema.*

*Pidolaré endebades
un eco de les veus
que aquí, en la nostra pau,
neixen dels nostres somnis.*

*Més enllà de les venes
la sang no sap camins*

A NOSSA VITÓRIA

O teu silêncio luta
para abrir caminho...

Fico com a pureza
deste horror
que agora deixa os teus olhos brilhantes
e pálidas as tuas bochechas.
Guarda as palavras e olha para mim.
Deixaremos as palavras
para quando, morto o sonho,
eu e tu o teremos de enganar.

Sentiste dentro de ti
um calafrio de mistério...
E o oráculo silenciou
e silenciou a campana.

Somos tu e eu... Lá fora
a luz é diferente
e ninguém saberia
adivinhar as vozes
que agora povoam o ambiente.

Somos tu e eu... Eles diriam
coisas sem sentido
e usariam as frases
do último filme da moda.

Agora sei que há coisas
que nunca serão nomeadas,
que apenas têm vida
quando o silêncio fala.

Quando houver de partir
pelas ruas cheias de poeira
levarei comigo a saudade
do teu olhar.

Tal como um andarilho
me perderei entre os gritos
dos pedestres que fogem
do mistério que os queima.

Implorarei inutilmente
um eco das vozes
que aqui, em nossa paz,
nascem dos nossos sonhos.

Além das veias
o sangue não sabe caminhos

*... ni la meva paraula
en fugir dels meus llavis
... ni el pensament que em crema
i que no es por fer flama.*

*Persegueixo una estrella
i em trobo entre les mans
un grapat de la cendra
dels meus combats estèrils.*

*Ajuda'm a fugir
per rutes sense pols
on la victòria sigui
un etern rebrobar-nos.*

*... nem a palavra
que foge de meus lábios
... nem o pensamento que me queima
mas não se pode fazer chama.*

*Persigo uma farpa
e encontro entre as mãos
um punhado de cinzas
dos meus combates frustrados.*

*Ajuda-me a fugir
por estradas sem poeira
onde a vitória seja
um eterno reencontrar-nos.*

*Seguiem dins l'alba...
Haviem clos els ulls
quan el dia apuntava.
Petjavem horizons
on no hi havia tombes.
No existia res
més enllà de les nostres parpelles.
Només, dins nostre,
l'alba...
Arranquem-nos les pupil·les, estimada
i vencerem la nit.
I la vida serà
el que siguem nosaltres.*

*Seguíamos na alvorada...
Havíamos fechado os olhos
quando o dia irrompia.
Pisávamos horizontes
onde não havia tumbas.
Não existia nada
além das nossas pálpebras.
Apenas, dentro de nós,
a alvorada...
Arranquem-nos as pupilas, amada
e venceremos a noite.
E a vida será
o que sejamos nós.*

*Bategar en la tonada
d'aquella canço.
Volar lluny de les platges;
deixar enrera els estels.
Sense temps...
com una ona difusa
per l'espai sense límits.
I ser llum, arreu llum,
sense màcula d'ombra.*

*Bater em sintonia
com aquela canção.
Voar para longe das praias;
deixar para trás as estrelas.
Não há tempo...
como uma onda difusa
através do espaço infinito.
E ser luz, cercado de luz,
sem mácula de sombra.*

15-IV-53

15-IV-53

*Errabunds en l'oratge
viure la nostra faula:
Un alé dins el vent
sens el compte dels dies;
sens adéus ni recerques.
Dintre l'aire, només
ésser la nostra faula.*

*Errante na tempestade
viver a nossa fábula:
Um sopro em meio ao vento
sem contar os dias;
sem adeus nem perguntas.
No ar, apenas
ser a nossa fábula.*

9-1-53

9-1-53

*Voldria dir-te el mot.
¿No el llegeixes dins meu?
¿Restará entre tu i jo com un etern silenci?
Endevina 'l i parla.
Si jo et digués el foc
que crema dintre meu
em fugiria l'ànima.*

Gostaria de te dizer uma palavra.
Não consegues ler dentro de mim?
Ficará entre nós como um eterno silêncio?
Adivinha-a e diz.
Se eu te contasse do fogo
que queima dentro de mim
minha alma fugiria.

*Quin mot en els teus llavis
traduirá el meu somni?
Arrenca del meu front
les faules impossibles.*

Que palavra em teus lábios
traduzirá o meu sonho?
Arranca de minha mente
as fábulas impossíveis.

*Cap ressó en els teus llavis
del misteri que em crema!
Solitari, perdut
en les meves fondàries,
enyoro mans esteses
sobre els meus ulls que sagnen.*

Nenhum eco em teus lábios
do mistério que me queima!
Solitário, perdido
nas minhas origens,
saudade das mãos estendidas
sobre meus olhos que sangram.

*Ni un mot en els teus llavis
traduirá el meu somni.
Arranca-me 'l del front,
que em fa impossible el tacte
dels peus damunt la terra.*

Nenhuma palavra em teus lábios
traduzirá o meu sonho.
Arranca-o de minha mente,
pois é impossível para mim
tocar os pés no chão.

REQUIEM

*El meu somni et duia de la má,
talment un estendart, enlaire, enlaire...
Com un sudari, ara ets suau
sobre les meves despulles.
No dic adéu ni vesso plors,
pel meu camí voltat de torxes.
Marxo de cara al meu amor,
jo, enamorat de sempre,
només que del misteri.*

LITURGIA

Em meu sonho te levava pela mão,
como um estandarte, no ar, no ar...
Como um sudário, agora és suave
sobre as minhas cinzas.
Não digo adeus nem verto lágrimas,
pelo meu caminho rodeado de tochas.
Parto em direção ao meu amor,
eu, apaixonado de sempre,
mas apenas pelo mistério.

CARRER ENLLA

*S'ofereix una dona a tots els vianants;
Jo no sé com es diu, ningú no li ho pregunta.
Segueixo el meu camí, com si dintre la nit
tot fos senzill i absent de llast i de miratges.
Segueixo el meu camí i una dona em somriu
des d'un portal obscur, en permanent
espera.
No m'importa el seu nom perquè en tots els
racons hi ha uns llavis amatents a lliurar el
seu misteri.*

RUA ADIANTE

Se oferece uma moça a todos os andarilhos.
Não sei como se chama, ninguém lhe pergunta.
Sigo meu caminho, como se à noite tudo
fosse simples e ausente de lastros e miragens.
Sigo meu caminho e uma moça me sorri
de um vestibulo obscuro, em constante
espera.
Não me importa seu nome, pois em todos os
cantos há lábios amorosos a oferecer o seu
mistério.

*Com si tot fos senzill, sense noses ni planys,
taralejo entre dents l'última cançó apresada.
Una dona m'invita a interrompre el camí...
Tan me fa qui pot ser. Marxo sense preguntes.*

*Segueixo caminant i una dona m'ha dit el
preu del seu cos nu. Me'n vaig entre els que
passen
indiferents a tot perquè no hi ha cap nom
que valgui un sol sospir; ni un pensament
de massa.*

*Camino amb la cançó entre dents, el cap
alt...
Tot és senzill i absent de llast i de miratges.
Sé que sóc un de tants: he après a viure sol.
Una dona em somriu des de cada finestra.*

12-X-1955

PER A QUAN SERÉ VELL

*Saber sentir-me sol
i no enyorar miratges.
Jugar amb el meu somris
com qui desplega domasos
per festejar la joia dels infants.
I cridar:
La vida no fa basardal.
No parlar mai de la mort,
com qui s'amaga
d'un gran amor il·lícit.*

Como se tudo fosse simples, sem lutas nem
lágrimas, cantarolo entre dentes a última
canção que aprendi.

Uma moça me convida a deixar o caminho...
Não me importa quem seja. Vou sem
perguntas.

Sigo caminhando e uma moça me diz o preço
de seu corpo nu. Vou entre os que passam
indiferentes, pois não há nome que valha
um só suspiro, nem mesmo um pensamento.

Caminho com a canção entre dentes, de
cabeça erguida...

Tudo é simples e ausente de lutas e lágrimas.
Sei que sou um entre tantos: aprendi a viver
só.

Uma moça me sorri de cada janela.

12-X-1955

PARA QUANDO EU FOR VELHO

*Saber sentir-me só
e não ansiar por ilusões.
Brincar com meu sorriso
como quem alça bandeiras
para celebrar a alegria das crianças.
E gritar:
A vida não gera aflições.
Não falar nunca da morte,
como quem se esconde
de um ilícito grande amor.*